

Se Redescobrir no Desconhecido: A Jornada Pessoal de um Intercâmbio

Rediscovering Oneself in the Unknown: The Personal Journey of an Exchange

Redescubrirse en lo Desconocido: El Viaje Personal de un Intercambio

Amanda Moreira Santos¹

Recebido em: 21 de Dezembro de 2024

Aprovado em: 28 de Abril de 2025

RESUMO

Este artigo apresenta uma narrativa reflexiva sobre a experiência de intercâmbio acadêmico de Amanda, nos Países Baixos. Abordando questões de adaptação cultural, vida cotidiana, convivência com colegas de diferentes nacionalidades, estudos e viagens, a narrativa é estruturada em torno de episódios vividos e reflete sobre a experiência de se redescobrir em um novo local, afastado das familiaridades de casa. O objetivo é fornecer uma perspectiva sobre as nuances e complexidades de viver em um ambiente internacional, além de relatar os impactos dessas vivências na formação pessoal. A abordagem segue um formato autobiográfico, relatando desafios e conquistas no ambiente acadêmico, bem como os aspectos culturais e sociais vivenciados.

Palavras-chave: intercâmbio, vida acadêmica, adaptação cultural, desenvolvimento pessoal, Países-Baixos.

Rediscovering Yourself in the Unknown: The Personal Journey of an Exchange Student

ABSTRACT

This article presents a reflective account of Amanda's academic exchange experience in the Netherlands. Addressing issues of cultural adaptation, daily life, living with colleagues of different nationalities, study and travel, the narrative is structured around episodes lived and reflects on the experience of rediscovering oneself in a new place, far from the familiarities of home. The aim is to provide a perspective on the nuances and complexities of living in an international environment, as well as reporting on the impact of these experiences on personal formation. The approach follows an autobiographical format, recounting challenges and achievements in the academic environment, as well as the cultural and social aspects experienced.

Keywords: exchange, academic life, cultural adaptation, self development, Netherlands.

1. Graduada em Relações Internacionais pela PUC Minas. Email: amandamoreirasts@gmail.com

Redescubrirse en lo desconocido: el viaje personal de una estudiante de intercambio

RESUMEN

Este artículo presenta un relato reflexivo de la experiencia de intercambio académico de Amanda en los Países Bajos. Abordando cuestiones de adaptación cultural, vida cotidiana, convivencia con compañeros de distintas nacionalidades, estudios y viajes, la narración se estructura en torno a episodios vividos y reflexiona sobre la experiencia de redescubrirse a uno mismo en un lugar nuevo, lejos

de las familiaridades del hogar. El objetivo es ofrecer una perspectiva sobre los matices y complejidades de vivir en un entorno internacional, así como dar cuenta del impacto de estas experiencias en la formación personal. El enfoque sigue un formato autobiográfico, relatando los retos y logros en el entorno académico, así como los aspectos culturales y sociales experimentados.

Palabras clave: intercambio, vida académica, adaptación cultural, desarrollo personal, Países Bajos.

1 CHEGAR: O OLHAR E OUVIR

Com certeza não foi a primeira vez que isso me aconteceu, mas aquela foi certamente a vez na qual pude notar com mais clareza. No início do ano de 2021, assisti ao documentário “Meu professor polvo”, no qual um cinegrafista - Craig Foster - exausto da rotina de trabalho decide retornar a sua cidade natal na África do Sul para tirar férias (Ehrlich; Reed, 2020). Lá, ele volta a realizar uma de suas atividades preferidas de infância: mergulhar na floresta de algas. Em um de seus mergulhos, Craig acaba por encontrar um polvo e decide voltar diariamente para visitar o animal (Ehrlich; Reed, 2020). Dentre as belas paisagens e lições presentes no documentário, o que mais me encantou foi conhecer uma realidade a qual eu não fazia ideia que existia. Eu nunca tinha ouvido falar que haviam florestas aquáticas e pessoas que saíam para explorá-las frequentemente. Foi aí que percebi o quão incrível é que existam lugares tão diferentes ao redor do mundo e, portanto, pessoas que tenham crescido em realidades totalmente distintas. Me dei conta que algo que eu não queria mesmo desperdiçar era a oportunidade de conhecer outros lugares e seus diferentes modos de vida. Então, quando me defrontei com a possibilidade de um intercâmbio, soube que deveria abraçá-la. Foi assim que, em 16 de agosto de 2023, coloquei meus pés em um novo continente, em um país com ciclovias mais movimentadas que ruas e casinhas estreitas e altas que mais parecem prédios.

Localizada na Europa Ocidental, a Holanda é um país multicultural, dos quais 25% de seus 17,8 milhões de habitantes são considerados estrangeiros. Amplamente reconhecida por símbolos como os moinhos de vento, o queijo, a cerveja e os coffeeshops, descobri

que a sociedade holandesa possui muito mais conteúdo e valores, que podem ser vistos até mesmo por trás desses estereótipos. Em comparação ao Brasil, o território dos Países Baixos é bem menor e portanto, ainda que a cidade em que morei não seja formalmente pequena - é a terceira maior cidade do país -, suas proporções não se comparam às da minha cidade natal, Belo Horizonte. Haia é um relevante centro político, não apenas para a Holanda, mas também para o mundo todo. Abrigando importantes instituições internacionais, como a Corte Internacional de Justiça e o Tribunal Penal Internacional, a cidade é vista como um símbolo de paz e justiça. Ela está localizada na costa do Mar do Norte e acomoda a sede do governo desde o século XIII.

Com uma estrutura bastante acolhedora, repleta de parques e ruas para passeio, Haia me deixou encantada. No dia em que cheguei, em uma tarde de sexta-feira, tive ajuda de um amigo brasileiro, Jorge, que também havia ido para o programa de intercâmbio, para pegar as chaves e carregar as malas até o local em que moraríamos. Na rua Waldstraat, número 74, em um prédio de 23 andares com fachada exatamente igual a um outro prédio à sua direita, moraria não só eu, como também, a maioria dos intercambistas que frequentariam a The Hague University.

Ao abrir a porta do apartamento, já pude conhecer uma das meninas que moraria comigo: uma espanhola, que também tinha 20 anos, e se chamava Sarah. Sarah e eu chegamos no mesmo dia, em um apartamento que não tinha os materiais que nos deveriam ser fornecidos no aluguel. Após acomodar as malas e nos apresentarmos, saímos em busca de algo para comer e de alguém que pudesse arranjar as caixas com panela, roupa de cama e materiais de limpeza que não haviam sido colocadas no nosso apartamento. Quando voltamos do supermercado, as coisas que faltavam já estavam ali.

No dia seguinte, uma manhã de sábado ensolarada (o que, acredite, ficou cada vez mais raro com o decorrer dos meses), eu, Sarah e Jorge saímos para explorar a cidade. Andamos até o centro, exploramos os restaurantes, as estreitas ruas perpendiculares e o Palácio da Paz. Voltamos para casa conhecendo um pouquinho de onde estaríamos nos próximos meses e de algumas das pessoas com quem dividiríamos aquela experiência.

Na segunda-feira, minha primeira semana de aulas começou. Naquele momento, as atividades eram somente introdutórias, vi-

sando explicar o funcionamento da universidade e integrar os alunos. Em meio a palestras e dinâmicas em grupo, conheci Céline, uma menina francesa, e Yumi, uma japonesa, que eu ainda não sabia, mas que me acompanhariam por todo o semestre.

2 ESTAR: O INTERAGIR

Assim como no documentário, quando Craig conta que entrar no mar gelado, a 8º ou 9º graus, para chegar à floresta de algas não era tarefa fácil (Ehrlich; Reed, 2020), as minhas semanas de adaptação também não foram. Os primeiros finais de semana foram solitários e os dias nos quais eu não tinha aula demoravam a passar. Apesar disso, eu sabia que era necessário enfrentar o desconforto e me acostumar à temperatura para chegar à minha própria floresta de algas. Achei muito interessante notar que, apesar de gostar do desconhecido e de conhecer novos lugares, me vi procurando constantemente por algo já habitual. Por vezes até considerei falar com pessoas no supermercado só porque as escutei conversando em português.

Nesse momento inicial, a familiaridade foi um fator crucial. Mesmo não conhecendo muito os outros alunos da PUC Minas que também embarcaram para Haia, eu, Jorge e Gabriel nos unimos devido à nacionalidade comum. E essa amizade com os brasileiros acabou me trazendo também amigos mexicanos. Conheci Juan Pablo, Costanza e Lu em um fim de tarde no apartamento do Gabriel. Lembro de que todos tomavam cervejas e eu cheguei com uma cidra de maçã. Logo depois, sugeriram que fizéssemos um rodízio de bebidas, passando nossos copos para a pessoa ao lado até que o ciclo se completasse e cada um recuperasse suas bebidas originais. Não tenho certeza se essa foi a causa principal, mas ter de bebericar cervejas - algo que não gosto - enquanto via minha cidra rodar na mão de pessoas que acabava de conhecer não me trouxe a melhor impressão do grupo. Apesar disso, à medida em que nos encontrávamos, passei a gostar cada vez mais do nosso grupo de “brasicanos”².

No início de setembro, quando os dias ainda eram longos e quentes, fui com minha amiga francesa a uma feira no centro da cidade, em frente ao lago que circula o parlamento. Eu já havia dito

2. Apelido que concedemos ao grupo com a junção dos gentílicos brasileiro e mexicano.

à Céline que desejava uma bicicleta para poder viver a experiência holandesa de forma ainda mais genuína, e foi então que ela me contou que seu locatário havia comprado uma nova bicicleta para ela e portanto, possuía uma sobrando a qual poderia me emprestar. Durante essa semana, as idas à praia foram muitas e, apesar do vento e da água gelada, tive momentos muito agradáveis com meus amigos. A praia de Scheveningen foi definitivamente o local com mais conchas que já vi, formando uma barreira que muitas vezes até machucava os pés antes de alcançarmos o mar. A água, contudo, era calma, e tudo ficava ainda mais bonito com a imagem do píer de fundo. No fim da semana, voltei para casa com minha bicicleta emprestada e uma empolgação ainda maior para explorar tudo pedalando.



Píer em Scheveningen. Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Também nesta primeira semana de setembro, conheci a segunda menina com quem dividiria apartamento. Ini era uma sul coreana bem tímida e tranquila. Conversando com ela enquanto entendíamos como utilizar a máquina de lavar, descobri que ela também gostava de dançar. A convidei então para algo que já queria fazer desde que soube que me mudaria para a Holanda: uma aula experimental de *hip hop*. Desde de pequena, a dança sempre foi algo presente na minha vida, entretanto, com a rotina de faculdade

acabei deixando-a para trás. Quando notei que teria mais tempo livre em Haia, logo procurei um estúdio de dança, encontrando um a poucos metros de onde morava. Eu e Ini nos divertimos muito nessa primeira aula e, apesar dela não ter dado continuidade, eu segui na turma até o fim da minha experiência de intercâmbio. H3C, o estúdio o qual frequentei, é definitivamente uma parte do meu intercâmbio que levo com muito carinho. Foi lá que conheci amigas holandesas, encontrei um espaço de reconexão comigo mesma e dispersei a ansiedade diversas vezes.

O mês de setembro foi marcado por muitas novidades, eventos na faculdade, jantares com amigos, passeios, festas e um sentimento de “casa” que finalmente começava a se instaurar. Antes que outubro chegasse também conseguimos conhecer outra cidade holandesa, Delft, e nos aventuramos na primeira viagem a outro país: a Bélgica. Localizada a apenas quatro horas de ônibus de Haia, Bruxelas trouxe algumas novidades. Com uma estética e arquitetura bastante distinta da dos Países Baixos, a cidade me fez refletir mais uma vez sobre a história, as influências e as necessidades de cada povo, que se traduzem em locais tão únicos e diferentes daqueles aos quais estou habituada. Lá também tive a oportunidade de experimentar novos sabores, conhecer pontos turísticos e suas histórias, praticar um pouco de francês e aprender que, diferentemente do Brasil, os ônibus de viagem europeus não param em rodoviárias, mas sim, em um simples ponto de ônibus.

Na faculdade, tudo também corria bem. Apesar de em um momento inicial ter tido certa dificuldade com o sistema utilizado para a montagem do quadro de horários, agora já havia planejado as disciplinas do meu semestre e uma rotina começava a se formar. Minhas aulas aconteciam de segunda a quinta e tratavam de temas como a cultura e a sociedade holandesa, sustentabilidade, mídia e política, marketing, questões de desenvolvimento global e também a aprendizagem da língua holandesa de forma básica. Os professores eram muito bons e as aulas, interessantes, sem contar que a faculdade realizava múltiplas feiras e eventos para a socialização dos alunos. O prédio moderno e, apesar de aparentar pequeno por fora, amplo e muito espaçoso, contava com cantinas, uma biblioteca muito bem equipada, diversos espaços de estudo e um *hall* central no qual muitas vezes podíamos encontrar eventos com bebidas e petiscos típicos, além de atividades culturais e até mesmo Oscar, um homem que ficava sentado em uma cadeira salva vidas, pronto

para conversar com qualquer aluno que o procurasse. A faculdade era um local muito acolhedor e agradável de se frequentar.

No meu apartamento, os hábitos também começam a aparecer, contrastando as diferenças de personalidade e nacionalidade. Enquanto Sarah tinha uma vida noturna mais movimentada e não se preocupava tanto com a organização de seu quarto e áreas comuns, Ini era bastante criteriosa com seus pertences e o espaço que dividíamos, de modo que ao longo das semanas passou a frequentar cada vez menos a cozinha, com o intuito de, acredito eu, evitar desconfortos e desentendimentos. Eu buscava então, encontrar o equilíbrio nesse contexto, contribuindo o máximo que podia com a limpeza e organização, mas tentando não me estressar com aquilo que não estava ao meu alcance. Fui a festas com Sarah, mas também ao cinema com Ini. Estabeleci o dia no qual limparia meu quarto e quando faria supermercado. A primeira vez que voltei com as compras na cestinha da minha bicicleta - e uma vassoura nas costas, encaixada por dentro da blusa, já que não desenvolvi o equilíbrio holandês de pedalar sem as mãos - foi especial.

Por incrível que pareça, comprar minha própria comida também me proporcionou aprendizados interessantes. Como nunca havia morado sozinha antes, nunca havia sido responsável pelas compras da casa e portanto, me alimentava a partir do que havia sido disponibilizado pelos meus pais. Agora, em um país com uma culinária completamente diferente - e diga-se de passagem, bem mais simples e na minha opinião, não tão gostosa quanto a brasileira - eu poderia explorar não apenas novos ingredientes, mas também novas receitas. Além de produtos prontos, como a deliciosa pasta de biscoff, os biscoitos “filipinos”, *stroopwafel*, *kebab* e *kass soufflé*, experimentei receitas com *halloumi*, tofu, tempeh - este último me rendeu uma semana comendo algo que não posso dizer exatamente que gostei - e também rolinhos primavera vietnamitas, preparados por minha amiga Céline. Em uma das minhas aventuras culinárias, na tentativa de preparar uma berinjela grelhada, produzi tanta fumaça que disparei o alarme de incêndio. Sarah acordou assustada, me mandando abrir a janela e a varanda. Me senti um pouco constrangida, mas por volta do mês de dezembro, todas do apartamento já haviam tido um incidente com esse alarme, e logo chegamos à conclusão de que ele provavelmente era mais escandaloso do que deveria.

Visitei o Tribunal Penal Internacional e, no último final de semana de setembro fui à Amsterdã encontrar Maria, uma amiga brasileira que também fazia intercâmbio, porém na França. Passamos o dia andando pela capital e, no fim do dia, ao perder meu ônibus e ter de pegar um trem para retornar à Haia, encontrei meus amigos brasileiros e mexicanos indo para um festival de *Oktoberfest* que acontecia no *Grote Markt*, uma praça repleta de bares e restaurantes.

Outubro chegou trazendo vários outros eventos divertidos. No dia três fui com Yumi a uma cidade vizinha, Leiden, onde ocorria o *Leiden Kermis*, uma festa de rua com duração de 3 dias, formada por muitas atrações, luzes e brinquedos de parque de diversões. Exploramos a cidade, fomos em um dos brinquedos - uma espécie de carrossel de balanços, que girava a cerca de 80m de altura - e experimentamos *oliebollen*, doce típico das festas de fim de ano, que lembra um sonho de padaria do Brasil. Nessa semana também fui com Céline jantar em um dos restaurantes à beira da praia. Eram restaurantes lindos e com valores mais altos, porém só estariam ali até o início do outono, que já havia chegado, e portanto achamos que valia a pena ter aquela experiência em Scheveningen ao menos uma vez. As amizades pareciam estar realmente se consolidando e com isso, os finais de semana ficavam mais animados e os planos de viagem, mais complexos. No meio de outubro tínhamos nossa primeira semana de férias e decidimos planejar um passeio.

O clima estava começando a esfriar e eu sabia que logo minhas roupas não seriam o suficiente. Convidei Lu, uma das poucas amigas que também possuía uma bicicleta, para irmos pedalando até um brechó, na tentativa de encontrar um casaco mais apropriado para mim. Nesse dia, além de gastar quase uma hora em um trajeto que deveria durar cerca de 20 minutos - já que nos perdemos -, conhecemos uma parte da cidade a qual ainda não havíamos ido, encontramos o casaco e demos início aos nossos passeios de bicicleta juntas.

O recesso se aproximava, mas com ele, também a semana de provas e portanto os momentos de estudo se tornavam mais intensos. Eu teria uma semana destinada a entregar as atividades finais, uma semana de férias e, na volta, provas. Esforcei-me para a entrega dos trabalhos finais - um *podcast* para a matéria de mídia e política e um portfólio para a aula de introdução à cultura e sociedade holandesa - e adiantei os estudos que pude para as provas.

Arrumei o quarto, dei fim às frutas e laticínios e, no sábado pela manhã, iniciei a primeira viagem mais longa. Com apenas uma mochila, bastante abarrotada, parti para Utrecht, uma cidade mais ao sul da Holanda onde passaria apenas para encontrar uma amiga da Romênia e outra da Inglaterra, que havia conhecido ainda no Brasil. Tivemos um dia agradável e fiquei muito feliz com o reencontro. No fim da tarde, tomei um trem para Amsterdã, me encontrando com Jorge, Gabriel, Juan Pablo e Costanza na estação. De lá seguiríamos para Berlim.

2.1 Viagem de férias

Após onze horas de percurso de ônibus, estávamos finalmente chegando à capital alemã. Enfrentadas algumas dificuldades com os *tickets* de metrô e a falta de domínio da língua, deixamos nossos pertences no *hostel* e começamos a explorar a cidade. Passamos pelo famoso memorial do holocausto, presenciamos uma manifestação em favor da Palestina, comemos salsicha alemã enquanto tomávamos cerveja e experienciamos um pouco da vida noturna local. No dia seguinte, passeamos pelo muro de Berlim e conhecemos outros pontos característicos da cidade. Por fim, no terceiro dia fomos a um campo de concentração em uma cidade próxima. O ambiente, como era de se esperar, tinha um clima bastante pesado, gerando uma introspecção e reflexão necessárias para processar aquela parte da história mundial.

Na madrugada de quarta-feira, saímos em direção ao aeroporto, a fim de dar prosseguimento à nossa viagem. Em um voo de uma companhia aérea *low cost*, no qual a gravação de procedimentos de segurança mal conseguiu rodar, aterrissamos em Londres. Com um ar tão intrigante quanto nos filmes, o destino me deslumbrou de uma maneira inesperada. Londres é uma cidade grande, mas tem um simbolismo que não te deixa esquecer onde está. Os característicos ônibus vermelhos, o *Big Ben*, *London Eye*, *Tower Bridge*, *Buckingham Palace*... tudo me passava uma certa atmosfera cinematográfica. Na primeira noite jantamos no *pub* do cantor James Blunt e devido à simpatia da gerente, também latino-americana, ganhamos uma sobremesa de cortesia. Foi com certeza um dos melhores restaurantes que conhecemos. Nos dias seguintes, visitamos um parque em frente ao palácio e os tradicionais pontos turísticos, um estádio de futebol, experimentamos um delicioso *english break-*

fast e até arriscamos um passeio na Harrods, a loja de departamento líder em artigos de luxo.

Na tarde de sexta-feira, Jorge, Gabriel, Costanza e Juan Pablo seguiram para o aeroporto a fim de retornar à Haia. Eu, contudo, ainda tinha mais um destino antes de voltar para casa. No mesmo dia à noite, segui para uma região de Londres a qual ainda não havíamos explorado, encontrei uma mercearia brasileira e lá comprei os produtos necessários. Então, segui até a casa da minha amiga Charlotte. Conheci Charlotte na mesma ocasião das amigas que encontrei em Utrecht, uma *Summer School* organizada na minha cidade natal no Brasil. Quando disse que estaria em Londres, ela prontamente se ofereceu para me acolher por uma noite, já que no sábado eu partiria para encontrar outra amiga em comum, na cidade de Cambridge. De posse dos ingredientes, toquei a campainha de Charlotte e, após alguns momentos, eu, ela e Hannah - sua companheira de apartamento - começamos a preparar uma receita de feijão tropeiro. O jantar ficou ótimo e a noite foi bastante divertida. No dia seguinte fizemos brigadeiros, almoçamos e, na parte da tarde, embarquei rumo à minha última parada.

Annelise foi mais uma amizade que a *Summer School* me proporcionou e, por ter crescido na Holanda, foi uma pessoa que me ajudou muito durante os preparativos e ao longo do intercâmbio. Ela mora com seu marido, Louis, em Cambridge, onde me receberam por um fim de semana. Cheguei na parte da noite e, portanto, apenas conversamos e brindamos uma *champagne* - seguindo a tradição francesa de Champagne, onde nasceu Louis, para receber visitas. No dia seguinte visitamos as famosas faculdades da cidade, fizemos um passeio de barco, tomamos um típico chá da tarde inglês e pude conhecer um pouco mais daquele casal que me recebia. Na segunda-feira minha viagem chegou ao fim e eu retornava para casa com muitas memórias boas e as energias renovadas para a semana de provas.

2.2 Retorno a Haia e Fim do Semestre Acadêmico

De volta em Haia, minha primeira prova ocorreria no dia seguinte e a outra, de língua holandesa, em dois dias. Além disso, houve um contratempo na produção de um dos documentos necessários não apenas para a realização da prova, mas para minha própria estadia no país: o *resident permit*.

Entre ligações para o órgão de imigração, e-mails para a faculdade e revisões da matéria, tive a companhia de Yumi para estudar para a última prova e parte do nervosismo logo se transformou em diversão. O fim desse primeiro período do semestre acadêmico foi marcado por uma animada festa de *halloween* e o início de uma configuração um pouco distinta do quadro de horários de aula.

Nas semanas seguintes fui a passeios na praia - agora já sem restaurantes na areia e com um vento ainda mais forte -, visitei o *Rijksmuseum* em Amsterdã com Céline, fiz compras com Costanza, preparei macarrão carbonara com Yumi após termos aprendido a dizer “*Zullen we donderdag spaghetti carbonara maken?*”³ nas aulas de holandês e fui a passeios de bicicleta com a Lu. Certo dia, passeamos em uma praça próxima ao parlamento para ver as folhas de outono e depois Lu acabou me levando em um café muito aconchegante onde haviam *cookies* de chocolate e baunilha saborizados com rosas. Definitivamente os melhores que já experimentamos. Fee, a dona da cafeteria preparava a massa com todo carinho e maestria. A receita, herança da família - se bem me lembro - de origem indonésia, somada à personalidade de Fee criava naquele ambiente uma atmosfera de mistério e aconchego que se tornou quase um refúgio para nós. Eu e Lu voltamos diversas vezes para comer os deliciosos *cookies* e, até mesmo, conversar com Fee. Em outra ocasião, também em uma saída de bicicleta, decidimos trocar uma ida à biblioteca central para estudar por um passeio no *Haagse Bos*, um parque próximo à estação central, já que o dia estava lindo e o céu, azul. Já em outra ocasião, o vento foi tão forte que foi declarado “código laranja” e fomos obrigadas a trocar as pedaladas por uma conversa na minha varanda, regada a bolo e salgadinhos.

Logo no início de dezembro embarquei em mais uma viagem desta vez, sozinha. Visitei as cidades de Málaga e Barcelona, na Espanha, onde pude encontrar um amigo e familiares que também viajavam por lá. Devo admitir que o que mais me deixou feliz nesse momento foi sentir o calor do sol e vê-lo se pôr depois das 18h, algo que já não acontecia há um bom tempo na Holanda. Retornei à Haia na madrugada do dia 5,

3. Em português: “Vamos fazer espaguete à carbonara na quinta-feira?”.

dia do meu aniversário e também quando receberia a visita da minha prima Marina. Dormi algumas horas, me levantei e me preparei para ir buscar Marina na estação. Voltamos ao meu apartamento e conversávamos no meu quarto quando de repente, uma surpresa: Ini nasceu no mesmo dia que eu e, ao ser surpreendida por suas amigas sul coreanas com um bolo, muito gentilmente retirou uma fatia e foi junto a todas elas cantar parabéns para mim. Esse foi com certeza, um dos melhores aniversários que tive até então. No fim do dia, reuni meus amigos e minha prima em um restaurante para celebrarmos e senti uma imensa alegria com aquele amor que recebi de diversas partes do mundo. Até mesmo meus familiares deram um jeito de participar, enviando um buquê de flores e um cartão por meio do Jorge. Uma lembrança com certeza muito especial.

Marina passou 6 dias comigo e nesse período, apresentei a ela Haia e Amsterdã. Fomos à *Mauritshuis*, museu onde está o quadro de Vermeer, da moça com o brinco de pérolas, e também ao Mocco Museum. Fizemos um tour de barco pelos canais com Céline e nos deliciamos com as famosas panquecas holandesas. Visitamos o *christmas market* - uma feira típica com comida, corais e decoração de natal - junto a meus amigos e também fomos à uma festa temática. Quando minha prima foi embora, restavam cerca de duas semanas até que a maior parte das matérias que eu cursava chegasse ao fim e eu tivesse de me despedir de boa parte das pessoas que conheci ali. Me organizei para estudar para as provas novamente, participar dos últimos eventos organizados pela faculdade, aproveitar a companhia dos meus amigos e também dançar na apresentação final do estúdio em que fazia *hip hop*. Apesar de cheios, os dias foram muito divertidos.

No dia da minha última prova, almocei com Céline em um restaurante ao lado da faculdade para nos despedirmos, apesar de saber que provavelmente aquele era apenas um até logo, já que pretendia visitá-la na França antes de retornar ao Brasil. Encerradas as atividades da faculdade no mês de dezembro, se iniciava o recesso de natal. Terminei de arrumar minha mochila de viagem e, ao fim do dia, parti com Gabriel em um ônibus rumo à Praga, na República Tcheca, onde Jorge e Juan Pablo nos esperavam. Infelizmente um dia antes

que chegássemos à capital tcheca, a cidade foi surpreendida por um tiroteio em uma universidade localizada em uma de suas partes centrais. Os amigos que nos esperavam estavam próximos ao local do atentado naquele dia e foram protegidos por uma operação de urgência da polícia; apesar do susto, ficaram bem. Frente a isso, visitamos Praga em um contexto de grande tristeza para a cidade e, ainda prestando todas as condolências a esse evento, tentamos mesmo assim fazer nossa estadia feliz.

2.3 Natal na Europa Central

No dia 22 de dezembro, quando eu e Gabriel chegamos à Praga, fizemos um *tour* pelos principais pontos com Juan Pablo e Jorge, experimentamos o tradicional doce *trdelnik*, e no fim do dia, ao sair para um encontro com nosso amigo Carlos, experienciamos algo incrível pela primeira vez: a neve. Carlos também fazia intercâmbio em Haia, onde morava no mesmo apartamento que Juan Pablo. Sendo natural da República Tcheca e estando de volta em casa para o natal, nos convidou para passar aquela noite com alguns de seus amigos de faculdade no bar que frequentavam regularmente. Saímos do centro de Praga rumo à zona sul com um céu nublado e um pouco chuvoso. No meio do caminho, neve. Não pensamos duas vezes antes de moldar o gelo que caía no chão em pequenas bolas e atirá-las uns contra os outros. Chegamos ao bar molhados, mas também maravilhados por ter experienciado a neve pela primeira vez.

O interior do bar lembrava os filmes estadunidenses. Em um espaço com futebol de mesa e um brinquedo que media sua força ao bater em um saco de pancadas, homens e mulheres arriscavam socos e rebuscados chutes. A decoração era interessante e as pessoas também. Conversamos muito, nos divertimos, experimentamos bebidas locais e voltamos para o *hostel* com outra guerra de bolas de neve. No dia seguinte, partimos para Viena, onde passaríamos a noite de natal. Após cerca de 7 horas parados na estrada - em um percurso que deveria ter 2 horas totais -, chegamos à Áustria bastante cansados. Optamos por iniciar a exploração na próxima manhã e, após caminhar por alguns dos principais pontos turísticos, fomos à busca de um supermercado ou restaurante que pudessem nos receber às 4 horas da tarde na véspera do natal. Após mui-

to procurar, encontramos um local para comer e também levamos pães com linguiça vendidos em um carrinho de rua para nossa ceia. A noite não se pareceu nada com o típico natal em família, mas nos divertimos conversando e ouvindo músicas. Na tarde do dia 25, partimos para Bratislava, onde ficamos apenas um dia e depois demos seguimento à viagem para Budapeste.

Com uma arquitetura fantástica e dividida por um lindo rio, Budapeste foi sem dúvidas, uma das cidades preferidas do grupo. Caminhamos bastante, andamos de patinete às margens do rio Danúbio, experimentamos pratos tradicionais, fomos a feiras e a uma balada local. Diante de muitas memórias e já um certo cansaço, se encerrava nossa viagem de natal. Voltamos à Haia a tempo do ano novo, que passamos reunidos em uma festa com amigos brasileiros, mexicanos e italianos. No primeiro dia do ano, um evento característico holandês nos aguardava.

2.4 A tradição de ano novo e o último mês

Iniciada no ano 1959, por um grupo de cerca de 28 holandeses na praia de Zandvoort, a tradição de mergulhar nas águas do mar nórdico no dia primeiro de janeiro segue viva até hoje, sendo realizada por milhares de pessoas (Mustsee Holland, 2024). Eu, Jorge, Gabriel, Lu, Juan Pablo, Carlos e ainda dois amigos fomos à praia na primeira manhã do ano quando, ao meio dia, corremos ao mar junto a cerca de 10 mil pessoas que usavam toucas laranjas (NL Times, 2024). A experiência, embora congelante, foi bastante divertida e ao fim, tomamos a típica sopa de ervilha holandesa antes de voltar para casa.



Praia no dia do mergulho de ano novo. Fonte: arquivo pessoal, 2024.

O mês de janeiro passou rápido e com ele, o intercâmbio chegava ao fim. Aquelas últimas três semanas foram marcadas pela tentativa de aproveitar ao máximo a companhia de pessoas que eu sabia que demoraria a rever. Fiz sopa de tomate com a Lu, fui à Amsterdã com Gabriel, assisti ao pôr do sol com Juan Pablo. Dei as últimas voltas de bicicleta, explorei novamente as ruas do centro, comi um último cookie e me despedi de Fee. Também fizemos um jantar latinno, com quesadillas, pão de queijo e brigadeiro. Na semana final, recebi em Haia amigos brasileiros que estavam viajando e foi interessante ter uma perspectiva da realidade que me esperava de volta no Brasil.

A última noite de sexta-feira dos intercambistas do prédio 74, na rua Waldstraat, foi marcada pela festa de Paolo, um italiano que também morava lá e anunciou em um cartaz no elevador o evento que ocorreria no 12º andar, para o qual todos estavam convidados. Havia bolo, vinho e muitas das pessoas que, ainda que de maneira coadjuvante na minha história, contribuíram para a grandeza daquela experiência. O fim de semana foi marcado por despedidas e pela transferência das memórias que se passaram ali para dentro de uma mala. O quarto, que após o primeiro mês já tinha fotos e desenhos meus, vida e pertences por toda parte, agora, já era uma tela em branco novamente, preparado para receber uma próxima intercambista. A cozinha e o banheiro já não tinham mais nada e,

apesar de uma leve tristeza pelo que ficava para trás, o sentimento era de gratidão.

3 SAIR: O RELATO

Para mim, é quem temos ao lado que faz tudo valer a pena. Cada um que divide parte da história com a gente e que marca nosso caminho. Nos ver longe das pessoas que amamos, da família e amigos que vemos com frequência, não é fácil, mas também nos traz oportunidades incríveis. Na rotina de casa, faculdade, trabalho esquecemos algumas coisas importantes da vida e, mais do que isso, tornamos algumas coisas sólidas demais. Nos vemos muito certos de como a vida é. Dessa forma, posso afirmar com toda convicção que uma das coisas mais legais dessa experiência de intercâmbio foi me ver com pessoas que não tinham certeza de quem elas eram e, muito menos, de quem eu era. Adentrar algo novo sozinho é sim intimidador, mas ao mesmo tempo, permite descobrir quem se é sem estar preso ao que se era. Reconhecer em pessoas de outras nacionalidades diferentes formas de pensar o mundo e poder discutir isso durante as aulas foi muito interessante. Entender, ao nos deparar com outras perspectivas, que podemos estruturar nossa trajetória de vida também de outras maneiras e, para além disso, compreender o que pode ser feito para manter na nossa vida cotidiana parte daquela empolgação de se deparar com o novo.

Nos aprendizados de um intercâmbio devemos conferir grande crédito aos ganhos acadêmicos, mas também é preciso valorizar o que se ganha de conhecimento de vida. Ter nossa rede de apoio é, sem dúvidas, muito importante e gratificante, é o que nos mantém de pé frente a tantos desafios. No entanto, se afastar dessas pessoas e se ver capaz não apenas de resolver desafios sozinho como também de construir sua própria rede, do zero, também é algo imensamente satisfatório e necessário para a caminhada da vida adulta. Minha experiência ampliou não apenas meu horizonte cultural, mas também me fez valorizar ainda mais a diversidade do mundo, contando com dias repletos de descobertas e oportunidades de aprender sobre outros e sobre mim mesma.

Além disso, o intercâmbio me permitiu notar algo muito curioso ao voltar para casa: perceber a concretização de um sonho. Certa vez vi uma influenciadora falando sobre o luto de se viver o que passou uma vida inteira idealizando. A experiência de inter-

câmbio, assim como para ela, foi para mim algo muito sonhado desde a adolescência e de fato “Quem era eu agora sem os sonhos que motivavam? Para onde ir? O que fazer?”. Acho que a beleza de realizar sonhos tão expansivos quanto um intercâmbio é ter horizontes ainda mais amplos para continuar sonhando o futuro.

REFERÊNCIAS

MEU professor polvo [My Octopus Teacher]. Direção: Pippa Ehrlich, James Reed. Produção: Craig Foster, Pippa Ehrlich, James Reed. South Africa: Netflix, 2020. 1 filme (85 min).

MUSTSEE HOLLAND. **New Year's Dive**. Must See Holland, 2024. Disponível em: <<https://mustseeholland.com/new-years-dive/>>. Acesso em: 10 out. 2024.

NL TIMES. **Record-setting 65,000 join New Year's dives, including 10,000 in Scheveningen**. NL Times, 1 jan. 2024. Disponível em: <<https://nltimes.nl/2024/01/01/record-setting-65000-join-new-years-dives-including-10000-scheveningen>>. Acesso em: 10 out. 2024.